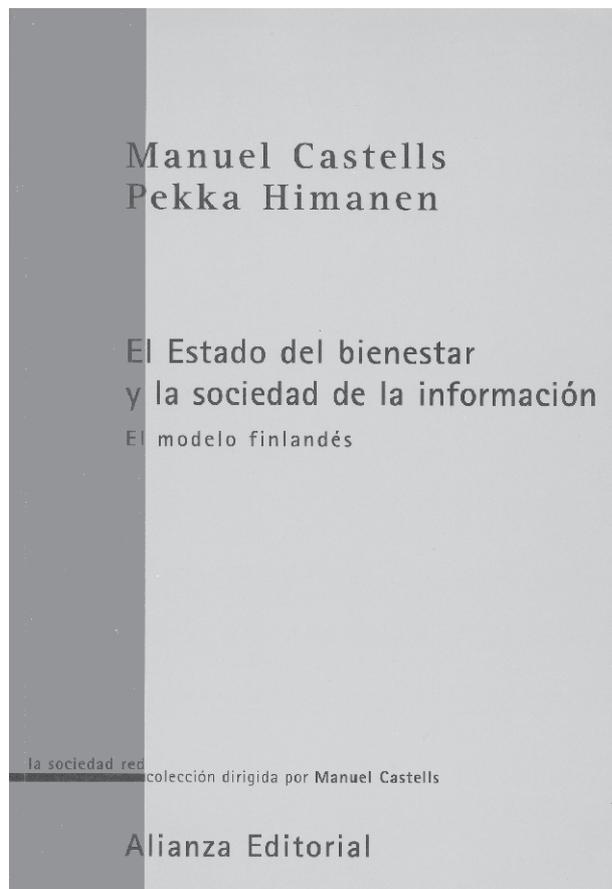


O estudo de uma alternativa



CASTELLS, Manuel; HIMANEN, Pekka. *La sociedad de la información y el Estado del bienestar. El modelo finlandés*. Madrid: Alianza Editorial, 2002. 215 p.

A partir da década de 1980, o modelo do Estado do Bem-Estar começa a ser questionado como forma de condução das nações. O discurso oficial acerca das diretrizes político-econômicas mundiais entende que a função do Estado agora é sustentar, assegurar e incentivar a participação e competitividade dos agentes nacionais no mercado global, entendendo a si mesmo como *player* neste cenário – para usar um jargão típico do espírito corporativo.

As atribuições do Estado-Nação devem diminuir à medida que a regulação dos mercados por si próprios aumente. A justificativa é que o Estado é “pesado”, “lento” e “naturalmente corrupto”, não consegue acompanhar a evolução e velocidade dessa nova economia integrada em ágeis redes. Esse “desmonte” do Estado-Nação é acompanhado e em parte causado por uma grande mudança no perfil da economia da sociedade mundial: a substituição gradual da economia industrial pela informacional, baseada esta na criação e processamento de informação. Entre resistentes e integrados, o que se viu, em maior ou menor grau, foi a adoção de uma série de medidas que integraram os países de uma forma sem precedentes, mudanças de grande porte nas vidas dos indivíduos e das nações: separação da concepção de emprego e trabalho, privatizações de serviços outrora públicos, diminuição da importância do Estado na seguridade social, na educação gratuita, o que dá às populações a sensação de abandono e falta de estrutura. Castells e Himanen trazem neste livro a análise dessas constatações e de suas influências nas atuais características e mudanças em curso no tecido social, levando ao cabo uma profunda pesquisa sobre um modelo político que busca conjugar as melhores características da sociedade informacional e do Estado de Bem-Estar. Os autores chamam de *informacionalismo* “as atividades decisivas de todos os âmbitos da práxis humana [que] se baseiam na tecnologia da informação, organizada (globalmente) em redes informacionais cujo centro é o processamento da informação (símbolos)” [p.17].

É defendida a tese de que a sociedade da informação pode coexistir com uma pluralidade de modelos sociais e culturais. A Finlândia é tomada como exemplo para comprovar essa idéia por três motivos básicos:

- a. o processo pelo qual se converteu em uma das economias mais competitivas do planeta e uma das sociedades tecnologicamente mais desenvolvidas, ao mesmo tempo em que contrasta com os modelos neoliberais por excelência, como as economias asiáticas e norte-americanas;

Roger Bundt
ESPM

- b. o Estado do Bem-Estar na Finlândia é determinante das políticas públicas, então é preciso conhecer seu papel no desenvolvimento da sociedade informacional;
 - c. a relação entre a Globalização e a Identidade nacional finlandesa.
- 3. inovação dos *hackers*, indivíduos talentosos que operam em rede na busca por soluções e inovações de problemas de engenharia, relacionam-se com o mundo todo e abrem suas descobertas.

De certa forma, este livro é o fechamento dos estudos de Castells nos últimos anos, e infelizmente não conta ainda com uma edição em língua portuguesa.

Estudando o caso da empresa Nokia, os autores comentam que na economia informacional a inovação nos processos de organização são tão importantes quanto a inovação nos produtos. A empresa tem um *modus operandi* que deixa com as universidades os projetos de investigação, responsabilizando-se por circular as informações entre as diferentes instituições com quem interage. Nokia dispunha, no começo de 2001, de 55 unidades de investigação em 15 países, todas conectadas pro laboratórios virtuais. Enfatiza-se que “uma característica central da economia informacional é que nenhuma organização, por si só, pode dispor de todos os recursos de investigação e desenvolvimento que requerem os esforços de maior envergadura” [p. 49]. A empresa é vital para a Finlândia, mas o país não depende dela completamente; caso algo de ruim ocorra à corporação, o país certamente sofrerá, mas recuperar-se-á, pois tanto um quanto outra estão localizados em um contexto mundial de redes globais em que agilidade e adaptabilidade são necessárias.

Analisando o sistema finlandês de inovação econômica, educacional e corporativa, atenta-se exaustivamente para os modelos de colaboração e enfoques holísticos da pesquisa em todos os âmbitos recém citados. Dadas as mudanças ocorridas no mundo, a idéia de colaboração em rede passa a fazer parte da sociedade nos estratos público e privado, através de:

- 1. política pública ativa de inovação, baseada num elevado investimento em educação gratuita de alta qualidade, com ênfase na engenharia;
- 2. inovação empresarial, alentada por políticas públicas, mas baseada nas capacidades das empresas de inovar e adaptar-se aos cenários antagônicos e inconstantes;

De certa forma, este livro é o fechamento dos estudos de Castells nos últimos anos, e infelizmente não conta ainda com uma edição em língua portuguesa. A experiência finlandesa descrita demonstra que, diferente de muitos outros países, é possível garantir os direitos básicos dos trabalhadores, as necessidades sociais e o desenvolvimento da competitividade das empresas, e ainda assim ser competitivo globalmente. Basta ter vontade política, articulação interna em um sistema de constante vigília e negociações dentro e fora de casa, antecipando-se e adaptando-se às mudanças, buscando sempre incluir as parcelas da população que não têm acesso à informação – o calcanhar de Aquiles do sistema neoliberal. ■FAMECOS